

DAS SUBSTÂNCIAS, DOS ACIDENTES E SUAS SIGNIFICAÇÕES:  
UM PERCURSO HISTORIOGRÁFICO-LINGUÍSTICO

Gustavo Dias de Sousa<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho faz um percurso historiográfico-linguístico acerca das substâncias e dos acidentes. Iniciando o estudo através da concepção aristotélica sobre esses termos, sobretudo a substância, passando pela reflexão linguística sobre os substantivos e adjetivos na Gramática de *Port-Royal*, além da análise acerca do termo significações e suas propriedades, relacionando-o com as teorias saussurianas da imutabilidade e mutabilidade do signo linguístico. E, por fim, chegando à linguística textual onde se perceberá a necessidade da análise dos aspectos contextuais do texto para compreender a significação, não só das palavras, mas principalmente do texto como um todo.

**Palavras-chave:** Substâncias. Acidentes. Significações.

**INTRODUÇÃO**

Desde Platão há uma discussão acirrada acerca do termo *substâncias*, mas é em Aristóteles que ele toma as devidas proporções. O estagirita retoma o termo no tratado das *Categorias*, no *Tópicos* e até na *Metafísica* criando conceitos e provando-os, fala da existência de três tipos de substância e suas predicções ou atributos, nomeados genericamente como *acidentes*. No presente artigo se aprofundam discussões linguísticas pelo viés aristotélico e para isso adotaremos não os três, mas apenas os dois tipos de substâncias apontados recorrentemente no tratado das *Categorias*: a substância primeira e a substância segunda, além disso, ainda em Aristóteles, refletiremos sobre o que ele chama de predicções ou atributos neste mesmo tratado, denominado de acidentes no *Tópicos* e na *Metafísica*.

Porém, este é um artigo historiográfico-linguístico, e não poderíamos nos ater apenas na filosofia ou filologia de Aristóteles. Para aprimorar nossas reflexões linguísticas acerca das

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela UEG (Campus São Luís de Montes Belos), Pós-graduação em Língua Inglesa pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá e aluno especial da disciplina Síntese historiográfico-linguística de estudos de língua e linguagem do Programa de pós-graduação Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás. Docente da UEG (Campus Palmeiras de Goiás). E-mail: gustavodias.sousa@gmail.com

---

*substâncias* e *acidentes* é necessário passar pelo pensamento dos mestres de *Port-Royal* na *Gramática Geral ou Razoada*, onde as *substâncias* assumem não só o papel do sujeito, mas também dos nomes *substantivos*, e os *acidentes* deixam de ser vistos apenas como predicções ou atributos e são denominados como nomes *adjetivos*. É ainda em *Port-Royal* que encontramos uma questão muito interessante que nos faz refletir linguisticamente: a função dos nomes no discurso. Diante desse tema chegamos aos termos *significação distinta* e *significação confusa* (Arnauld & Lancelot, 1992), conhecidos hoje como denotação e conotação (respectivamente), dessa maneira afirmamos que são justamente essas *significações* que influenciam nos sentidos dos nomes, daí faremos a relação entre os termos de *Port-Royal* com o que Ferdinand de Saussure chama de *imutabilidade e mutabilidade do signo linguístico*.

Continuando o percurso historiográfico-linguístico, seria impensável concluir essa trajetória sem tomar os princípios básicos da Linguística textual (Fávero e Koch, 2002) para refletir sobre a questão das *substâncias* (*substantivos*) e *acidentes* (*adjetivos*) e suas funções no discurso, pois só será possível identificar estas funções ou seus tipos de significação mediante uma análise contextual global.

## 1 Aristóteles: substâncias e acidentes

Aristóteles de Estagira é, sem dúvida, o maior pensador que estuda as substâncias em sua totalidade, aquele que talvez, tenha formulado os principais conceitos. Porém antes de falar propriamente da categoria *substância* é necessário conhecer as classificações de todas as categorias aristotélicas, que no total são dez. José Veríssimo Teixeira da Mata em sua introdução às *Categorias* diz o seguinte:

“Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra categoria parece cobrir de forma razoável, os termos elencados no capítulo IV (Ib25) do tratado das *Categorias*: substância; quantidade; relação; qualidade; quando; onde; estar-em-uma-posição; ter; fazer; sofrer” (ARISTÓTELES 2005, p. 10).

Observando a existência de dez categorias, muitos estudiosos tentaram explicar os motivos da categorização aristotélica, ainda na introdução de José Veríssimo podemos encontrar duas vertentes que estudam as categorias aristotélicas “a primeira enfatiza a natureza filológico-sintática da proposição; a segunda vê na proposição uma descrição do real,

por asserções (juízos)” (ARISTÓTELES 2005, p. 18). No entanto, para nós linguistas, a primeira é mais acertada e, para isso, nos baseamos na obra máxima de Adolf Trendlenburg *Geschite der Kategorienlehre* (História que reconta a teoria das categorias), onde o autor mostra que as categorias são criadas a partir de estudos gramaticais, ele ainda aponta que, basicamente, a categoria das *substâncias* corresponde ao substantivo e as categorias da qualidade e quantidade, ao adjetivo. Mais a frente na obra *Tópicos* o próprio (Aristóteles, 1987) diz que tudo aquilo que pertence como atributo a um sujeito, nesse caso é *acidente*; sobre esta questão podemos citar (Reale, 1994), este autor que estuda a fundo a filosofia e os pensadores antigos, diz em seus comentários sobre a *Metafísica*, que tudo aquilo que não é *substância* é, por conseguinte, um *acidente*.

Antes de continuar é necessário trazer a luz que o termo *substâncias* aparece com mais afinco na obra *Categorias* e na *Metafísica*, além de comentários pontuais no *Tópicos*, já o termo *acidentes* é abordado com mais propriedade neste último tratado. Diante disso, vamos dividir os nossos estudos sobre as concepções aristotélicas, primeiro discutiremos as *substâncias* e depois os *acidentes*.

### 1.1 *As substâncias de Aristóteles: a primeira e a segunda*

Como já foi dito, é no tratado das *Categorias* que Aristóteles categoriza as *substâncias* em especial, a primeira e a segunda, porém, o filósofo traz na *Metafísica* uma terceira substância que não será instrumento de nossos estudos, no entanto, é interessante citá-la a nível de conhecimentos.

São três as substâncias. Uma é sensível, que é, por um lado, eterna, por outro, corruptível. Esta é admitida por todos, por exemplo, as plantas e animais. A segunda é eterna; sobre os elementos dela deve-se inquirir – se é um ou são vários. A terceira é imóvel, e dela dizem alguns que é separável (...) a espécie e as coisas matemáticas. (ARISTÓTELES 2005, p. 40)

Retornemos ao objeto de nosso estudo, José Veríssimo nos diz que existem dois tipos de substância: a primeira e a segunda, afirma que esta é o predicado daquela, diz ainda que a substância primeira é aquilo que é determinante na proposição, onde se articula o sujeito e o predicado e que ela nunca será o predicado. Diante disso chegamos ao ponto comum entre Aristóteles e Reale, que sem a *substância* nada existe. “A **substância** pode subsistir por si ou separadamente do resto” (REALE 1994, p. 356). Dessa forma podemos concluir que a

*substância* é peça fundamental na proposição, “todas as categorias não substanciais articulam-se com a *substância*” (ARISTÓTELES 2005, p. 23).

A *substância* segunda, às vezes, pode ser o predicado da *substância* primeira, isso vai depender, principalmente, da proposição ou, como vamos ver adiante, do texto/discurso. Porém, antes de dar continuidade nas nossas reflexões é indispensável falar da *substância* como ousia. “Ousia ou *substância* indica o ser verdadeiro” (Reale, 1994, p. 337), este termo aristotélico é utilizado dessa forma apenas para *substância* primeira. Para ilustrar a ideia do início do parágrafo imaginemos duas proposições “Sócrates é músico” e “Sócrates é filósofo”, ambas são predicacões acidentais, pois qualquer alteração no predicado não mudaria a essência da *substância* primeira, se Sócrates deixar de ser músico e passar a ser filósofo sua capacidade se altera, porém é a mesma pessoa. Observemos que ambas as palavras, isoladas, são *substâncias*, porém como já foi dito a primeira palavra é sensível, depreende-se uma significação singular e a segunda palavra, apesar de eterna, possui mais de uma significação, então respectivamente, *substância* primeira e *substância* segunda.

Para ilustrar outro tipo predicacão tomemos duas outras proposições: “Sócrates é velho” e “Sócrates é jovem”, ao observar estas proposições concluímos que as palavras velho e jovem são qualidades ou *acidentes*, por isso a predicacão que ocorre é acidental, uma vez que, tanto Sócrates sendo velho ou jovem sua essência não se altera. E para concluir nosso pensamento trazemos mais uma vez as palavras de José Veríssimo:

Há, então, dentro das proposições atributivas e em referência à existência do predicado, dois tipos de proposição: numa primeira o sujeito (*substância*) se põe ante um predicado não essencial ou não substancial (*acidente*) menos resistente e de menos permanência que o sujeito; na segunda, para cuja constituição ocorrem os dois tipos de *substância* – o predicado (*substância* segunda) é até mais resistente e permanente que o sujeito (*substância* primeira). (ARISTÓTELES 2005, p. 43)

Já que abordamos o termo *acidente* na ilustração e também na citação acima se faz necessário uma reflexão mais específica sobre esse termo, então passemos à próxima etapa do nosso trabalho.

## 1.2 *Aristóteles e os acidentes*

Para falar sobre os *acidentes* em Aristóteles é preciso recorrer ao tratado *Tópicos*, é nesta obra que o estagirita caracteriza melhor a categoria. “O **acidente** é aquilo que pertence

como atributo a um sujeito” (ARISTÓTELES, 1987, p.41). A priori parece uma definição vasta e genérica do termo, mas olhemos esta outra: “tudo que não é substância não pode ser por si em sentido estrito e, por isso, é **acidente**” (REALE, 1994, p. 350-351), dessa forma, apesar da definição ainda ser pouco específica, já temos a noção que o *acidente* é tudo aquilo que não é *substância*, ou seja, aquilo que não tem sentido completo uma vez que é isolado, por exemplo, a palavra “bela”, sozinha não indica nada em uma significação completa.

Da maneira aristotélica de raciocinar, o *acidente* é ainda mais vasto, pois ele contém todas as outras categorias: quantidade; relação; qualidade; quando; onde; estar-em-uma-posição; ter; fazer; sofrer. Porém é importante observar que Aristóteles retoma muitas vezes o termo predicção, e este termo, gramaticalmente falando, faz-nos pensar em qualidade, daí vem a relação proposta e adotada por Trendlenburg e pelos mestres de *Port-Royal*, de chamar o *acidente* de adjetivo. O estagirita fala de *acidente* como “atributo não essencial” e exemplifica **homem branco**, onde **branco** é o atributo não essencial para o **homem**, então branco é um *acidente* (Aristóteles, 1987) e também um adjetivo.

Além do mais, se o *acidente* é um predicado ou atributo não essencial nada impede que ele seja uma propriedade relativa ou temporária (Idem). Sócrates é jovem em determinado tempo, contudo com o passar do tempo ele ficará velho e não só o próprio Sócrates é jovem ou velho em determinados períodos de tempo, mas também Platão, Antístenes, Heráclito e Parmênides e todos os homens.

Outro exemplo fundamental é o apontado por Reale:

Quando dizemos que ‘o homem é músico’, ou o ‘justo é músico’, indicamos casos de ser acidental: de fato, o ser músico não exprime a essência do homem, mas apenas ao que o homem ocorre ser, um puro acontecer, um mero acidente. (REALE, 1994, p. 345)

Assim explicamos os conceitos aristotélicos de *acidentes*. Talvez haja vários exemplos que possam ser dados ou conceitos que precisem ser atualizados, no entanto, o objetivo desta parte do trabalho era introduzir os termos aristotélicos na linguística para que nossa análise seja mais completa adiante. Apesar das nomenclaturas e classificações complexas ou confusas, Aristóteles é muito feliz ao mostrar que a *substância* é o ser que possui uma **essência** e que também é autônomo, ou seja, existe sem a presença de outros significados; e que os *acidentes* são as características “não autônomas” e “não essenciais” do ser ou *substância*, funcionam como uma propriedade temporária ou relativa.

## 2 De Port-Royal a Saussure

Nesta parte do artigo, as reflexões linguísticas serão efetuadas de acordo com as ideias dos mestres de Port-Royal e de Saussure. Aqui faremos comparações entre termos da *Gramática de Port-Royal* e do *Curso de Linguística Geral*, porém, antes de partir para essas comparações, é essencial continuarmos o raciocínio aristotélico das *substâncias* e *acidentes*, uma vez que, em *Port-Royal*, também aparecem estas nomenclaturas.

A *substância* aristotélica é vista em *Port-Royal* como objetos de nossos pensamentos, e o *acidente* é a maneira das coisas. No capítulo II da segunda parte da *Gramática*, os mestres de Port-Royal propõem o seguinte sobre os nomes “os que significam as substâncias foram denominados *nomes substantivos*; e os que significam os acidentes, designando o sujeito ao qual esses acidentes convêm, *nomes adjetivos*” (ARNAULD & LANCELOT, 1992, p.31). Dessa maneira aqui há um diálogo com Adolf Trendleburg, que também propôs a mesma nomeação. No entanto, para nós a linhagem de *Port-Royal* é mais aceitável, uma vez que a *Gramática Geral ou Razoada* trata linguisticamente de diversos temas e não é diferente quando há a referência aos nomes.

“As *substâncias* subsistem por elas mesmas, enquanto os *acidentes* só existem pelas *substâncias*” (Idem). Toda e qualquer semelhança com Aristóteles e Reale não é coincidência, uma vez que essa afirmação, dita em primeiro lugar pelo estagirita, passou por paráfrases ao longo do tempo. E gramaticalmente poderíamos sobrepor outra paráfrase com a seguinte afirmação: os substantivos subsistem por eles mesmos, enquanto os adjetivos só existem pelos próprios substantivos. A substância e substantivo *Sócrates* existe independente de outros nomes, porém o adjetivo e acidente *belo* só terá sentido completo se associado a um substantivo, *Sócrates é belo*.

Após as explicações e nomenclaturas chegamos ao ponto, que talvez seja o crucial do trabalho e dialoga com a *substância segunda* de Aristóteles, pois como sabemos, a *substância segunda* pode ser um predicado da *primeira*, então, resta-nos a pergunta: a *substância segunda* é um acidente ou apenas uma *substância*? A resposta é ambos! Através do que os mestres de *Port-Royal* chamam de significações provaremos a resposta, associando-a com os princípios de mutabilidade e imutabilidade do signo de Saussure.

Vejamos a seguinte afirmação de Arnauld & Lancelot:

Já que a substância é aquilo que subsiste por si mesmo, chamaram-se de nome substantivo todos aqueles que subsistem por si mesmos no discurso. Sem que tenham necessidade de outro nome ainda que significam acidentes. E, ao contrário, foram chamados adjetivos mesmo aqueles que significam substâncias, quando por sua maneira de significar devem estar junto a outros nomes no discurso. (Ibidem)

Exemplos que ilustram esta afirmação já foram dados neste trabalho, mas não custa relembrá-los. Quando falamos *Sócrates é homem* percebemos que a “qualidade” de Sócrates é ser homem, apesar de esta ser uma predicação essencial. No entanto, ao isolarmos as palavras *Sócrates* e *homem* entendemos que ambas são *substâncias*, porém a última é a *substância segunda* e significa acidente na proposição. Outro exemplo é *Sócrates é músico*, neste caso uma predicação accidental, mas acontece o mesmo procedimento do exemplo anterior, *músico* acaba sendo a qualidade de Sócrates, a *substância segunda* e, por conseguinte, significa um acidente. Agora vejamos outra afirmação: *Sócrates é um músico excelente*; *Sócrates* continua sendo *substância primeira*, *músico* tem duas funções na proposição: qualificar sujeito, então um *acidente*; e ser a *substância* para a qualidade *excelente*. Daí vê-se a necessidade de estudar as significações das palavras no discurso.

## 2.1 Os nomes e as significações

Agora, tomando os nomes como signos linguísticos, percebemos que eles sofrem alterações tanto no significante (imagem acústica), quanto no significado (conceito), a processos semelhantes a este Saussure (2001), deu o nome de mutabilidade do signo linguístico. Então é possível afirmar que diante da variação de significações das palavras, como apontado anteriormente, para que uma *substância* se torne um *acidente* ela deve sofrer o processo de mutabilidade.

Um nome é uma *substância* ou *acidente* dependendo da sua significação, se possuir uma significação confusa além da distinta não é capaz de subsistir no discurso, então não é uma *substância* (Arnauld & Lancelot, 1992). Quando se fala de significação confusa e distinta, podemos transpor os significados de conotação e denotação, respectivamente. Assim é fácil perceber que é a significação confusa que é o “pilar” das alterações e derivações quando significa um adjetivo, dele podem-se se “fazer” substantivos – colorido/cor – duro/dureza – prudente/prudência. Já ao acrescentarmos uma significação confusa a uma *substância*, surgirão adjetivos – homem/humano.

Daí surge à necessidade de mencionar a seguinte afirmação saussuriana “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre significado e o significante*”. (SAUSSURE, 2001, p. 89). Além do mais essa mutabilidade é diacrônica, pois só ocorre no decorrer do tempo “o signo está em condições de alterar-se porque continua (...) O princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (Idem). A partir de um signo com matéria velha e gasta é possível criar outro.

Ao aplicarmos os conceitos de mutabilidade e imutabilidade nos nomes, estamos fazendo algo impensável para o Século XVII, porém, em *Port-Royal*, há uma leve sugestão disso. Os autores citam exemplos de alterações nos próprios nomes e essas alterações ou “*deslocamento da relação entre significado e o significante*” é o que mais tarde Saussure classifica como mutabilidade do signo linguístico, além do mais vale lembrar que os mesmos autores falam apenas de alteração e nunca de substituição, afinal como pontua Saussure (2001), o signo se altera, mas nunca é substituído, pois é imutável, daí não poderemos utilizar os signos à vontade e sempre necessitarmos de “permissões da língua” para uma alteração que, por sua vez, ocorrerá de maneira diacrônica.

### 3 Os nomes na Linguística Textual

Para terminarmos o nosso percurso histórico é imprescindível citarmos a corrente de pesquisas da Linguística Textual, pois desde Aristóteles há a seguinte observação: “Faz-se necessário, portanto, partir de uma análise da linguagem corrente, para identificar seus diferentes usos e, ao mesmo tempo, enumerar os diversos sentidos atribuídos às palavras empregadas nas discussões”. (ARISTÓTELES, 1987, p. 20). A análise corrente da linguagem proposta pelo estagirita, naquele tempo, está relacionada à retórica, porém essa talvez seja um dos pontos de partida da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

Trazendo para a contemporaneidade podemos apontar a seguinte citação “nossa produção linguística se dá com textos e não com palavras isoladas” (FÁVERO, 2006, p. 6). Não há uma clara referência específica aos nomes na Linguística Textual, mas sim, ao texto (discurso), contexto, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Dessa forma, percebemos que a linguística textual não está preocupada com os nomes ou quaisquer palavras, mas sim no conjunto de relações que forma a unidade do texto. Há de citar-se também a proposta, em *Port-Royal*, que dialoga com a Linguística Textual: um nome é uma **substância** ou **acidente** dependendo da sua significação no discurso. Assim, é possível afirmar que as palavras assumem determinadas funções e significações dentro do texto e não separadamente.

E como o texto é sempre vasto “gramáticas textuais surgiram com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática de enunciado” (BENTES, 2004, p.249), isto acontece a fim de rever os conceitos de morfologia e a sintaxe. Além dessas gramáticas, há também, as teorias do texto que auxiliam na “análise corrente da linguagem” e do discurso.

Na linguística textual as teorias do texto adquirem particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático, isto é, o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação de textos (BENTES, 2004, p. 251)

Chegamos, então, à máxima da Linguística Textual que é a análise do texto e seus contextos, o que Aristóteles chamara de “análise corrente da linguagem”. É impossível perceber as verdadeiras funções dos nomes, sejam substantivos ou adjetivos de maneira isolada, é necessário mais, é preciso focalizar o discurso em geral.

## **Conclusão**

De maneira diacrônica foi possível perceber, durante a execução deste trabalho, que a língua se altera em decorrência de fatores sociais e, de acordo com Arnauld & Lancelot (1992), com as mais diferentes significações. No caso deste trabalho exploramos o viés dos nomes: substâncias (substantivos) e acidentes (adjetivos) e suas variadas significações no discurso.

E também é plausível mencionar que o percurso historiográfico-linguístico feito durante este artigo serve-nos de base para pesquisas futuras, pois é um tema amplo que agrega partes diferentes da linguística e chama-nos atenção para algo relativamente simples que é a função do substantivo e do adjetivo, porém gratificante ao perceber que não é só uma teoria

ou pesquisa vazia e, sim um modelo diferente de analisar a língua, que é o nosso maior propósito.

ABOUT THE SUBSTANCES, ACCIDENTS AND THEIR SIGNIFICATIONS: A  
LINGUISTIC-HISTORIOGRAPHICAL ROUTE

**ABSTRACT**

This work traces a linguistic-historiographical route about the substances and accidents. Starting the article with the Aristotelian conception about those terms, mainly the substance, beyond to analysis the expression significations and its characteristics doing relations with Saussurean theories about linguistic sign and its mutability and immutability. And so arriving to textual linguistics where it will realize the necessity of analysis of the contextual aspects in texts to comprehend not just the words, but mainly the text.

**Keywords:** Substances. Accidents. Significations.

**Referências**

ARISTÓTELES. **Tópicos; Dos argumentos sofisticos**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção: Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. **Categorias**. Tradução do grego clássico, introdução e notas de José Veríssimo Teixeira da Mata. Goiânia: Ed. UFG, 2005

ARNAULD, A; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal** – Arnauld e Lancelot; tradução de Bruno Fregni Basseto, Henrique Graciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**, vol. 1. São Paulo: Contexto, 2004

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_; e KOCH, I. G. V. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**, vol. 2. Platão e Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.